

VI JORNADA ACADÊMICA 2012
22 a 27 de outubro
Unidade Universitária de Santa Helena de Goiás

**DEGRADAÇÃO DA ÁREA DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE (APP) NO
CÓRREGO CAMPO ALEGRE**

**Carlos Bernardo de Jesus Pereira¹, Ricardo Garcia de Oliveira¹, Pedro Rogério
Giongo²**

¹ Graduando em Engenharia Agrícola, UEG, carlosbernardogo@hotmail.com

² Professor Doutor da Engenharia Agrícola, UEG, Santa Helena de Goiás - GO.

RESUMO

No cenário brasileiro observa-se uma acentuada degradação das áreas de preservação permanente (APP), e isso sem preocupação com a influência que poderá ocorrer no leito dos córregos e rios. Um dos principais motivos é o crescente aumento das áreas de plantio, as quais podem gerar impactos sobre as florestas e desequilíbrio da biosfera. Este tipo de degradação empobrece o solo, deixando-o exposto, e conseqüentemente suscetível ao assoreamento. Ainda falta a conscientização dos produtores sobre o uso adequado do recurso que se tem disponível. A fim de identificar e quantificar as áreas de preservação permanente, o trabalho foi conduzido ao longo do córrego Campo Alegre na cidade de Santa Helena de Goiás. Foram avaliados e analisados os dados e as imagens. A agricultura tem intensificado a degradação das APP, pois tem sido praticada até à margem do córrego. Além das atividades pecuaristas explorarem boa parte da APP com áreas de pasto, ou mesmo para passagem do gado que inibe ou dificulta o crescimento da vegetação de baixo porte.

Palavras-chave: identificar, quantificar, análise

INTRODUÇÃO

O aumento da população trouxe consigo um impacto no ambiente, exercendo grandes pressões sobre a atmosfera e, especialmente, sobre os recursos florestais, que proporcionam múltiplos usos para o homem. A destruição de florestas causou sérios problemas para o equilíbrio da biosfera, como erosão eólica, hídrica, degeneração do solo e poluição do ar.

Segundo Coelho (2001), (...) os seres humanos ao se concentrarem num determinado espaço físico, aceleram inexoravelmente os processos de degradação ambiental. Seguindo esta lógica, a degradação ambiental cresce na proporção em que a concentração populacional aumenta. (...) Outra idéia generalizada pelo senso comum é a

VI JORNADA ACADÊMICA 2012
22 a 27 de outubro
Unidade Universitária de Santa Helena de Goiás

de que os seres humanos são, por natureza, depredadores e aceleradores dos processos erosivos. As vítimas dos impactos ambientais são assim, responsabilizadas e transformadas em culpados.

Neste sentido o papel das florestas, na vida das populações, no habitat de um incontável número de espécies de plantas e animais, na manutenção do ciclo hidrológico (adicionando água à atmosfera através do processo da transpiração), é compreendido há muito tempo, entretanto, somente nas últimas décadas é que a influência das florestas sobre o clima, ar, água, solo, saúde e aspectos psicológicos dos homens ganharam sua real importância, porque começaram a aparecer consequências negativas na qualidade de vida (FERRAZ & VETTORAZZI, 2003).

Ainda segundo Beltrame (1994), a cobertura vegetal além de exercer papel essencial na manutenção do ciclo da água, protege o solo contra o impacto das gotas de chuva, aumentando a porosidade e a permeabilidade do solo através da ação das raízes, reduzindo o escoamento superficial, mantendo a umidade e a fertilidade do solo pela presença de matéria orgânica.

Serão utilizadas imagens de satélite de média e alta resolução, disponibilizadas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), para realizar uma classificação de uso e cobertura da nascente à foz do córrego Campo Alegre. Após a identificação de áreas sem APP com o uso de imagens e software específico, serão então realizadas visitas a campo, para comprovação da cobertura e medição direta das áreas sem APP ao longo do córrego e obrigatoriamente nas nascentes de todos os afluentes.

Diante disto objetivou-se neste estudo identificar e quantificar as Áreas de Proteção Permanente (APP) ao longo do córrego Campo Alegre. Bem como, todos os usos dentro da bacia hidrográfica do córrego Campo Alegre.

MATERIAL E MÉTODOS

Foram selecionadas junto ao Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), imagens do satélite RESOURCE-SAT, cuja data de passagem foi de 19 de julho de 2012 na órbita 326 e ponto 90. Após download das imagens, elas foram submetidas a correções geométricas e radiométricas.

VI JORNADA ACADÊMICA 2012
22 a 27 de outubro
Unidade Universitária de Santa Helena de Goiás

Para obtenção das redes de drenagem, córrego, nascentes e limites da bacia hidrográfica foram digitalizadas as cartas planialtimétricas SE-22-X-C-IV e SE-22-X-C-V, cujos nomes são carta de Rio Verde e Maurilândia, respectivamente. O produto do processamento da imagem de satélite com as cartas planialtimétricas é a Figura 1.

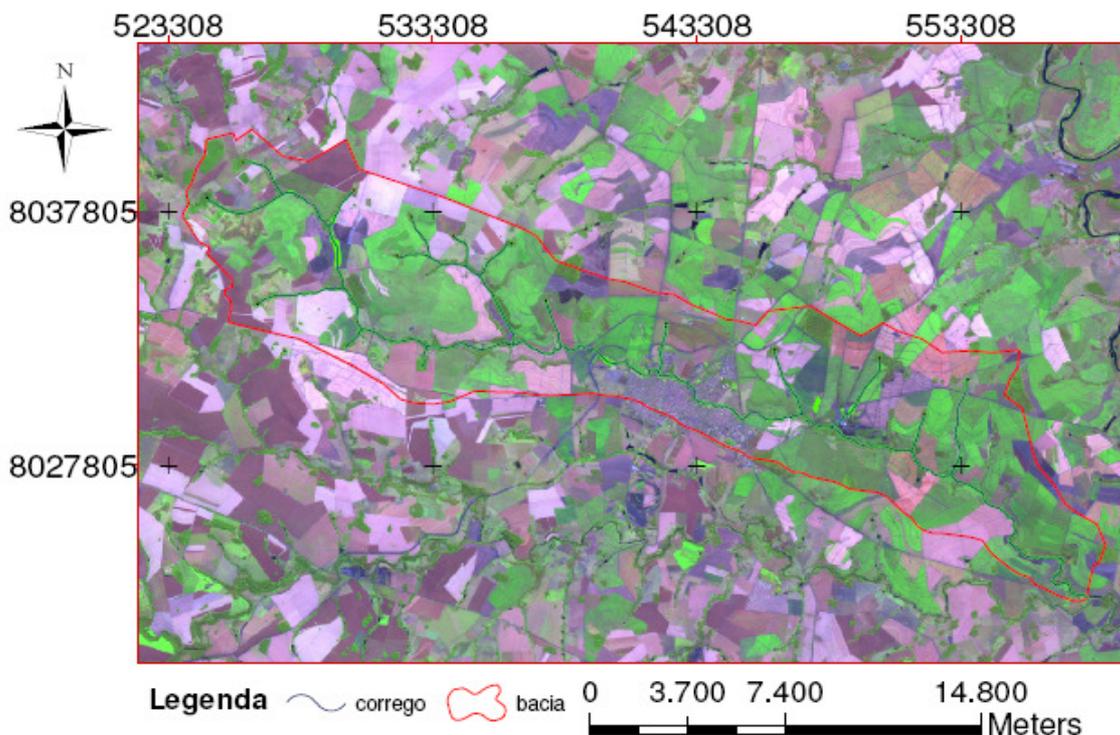


Figura 1: Imagem IRS-6, R2G3B4, com data de passagem em 19/07/2012.

A partir das nascentes, limites da bacia hidrográfica e do córrego Campo Alegre, foram identificados cada um dos usos, utilizando a classificação supervisionada e posterior conferência de áreas em conflito, reclassificando-a com os usos segundo conferência local, que foram realizados com o uso de um GPS de navegação (marcação da coordenada) e identificação da cobertura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nota-se uma grande parcela de área, ao longo do córrego em que não apresenta metragem mínima de mata ciliar nas áreas de APP, gerando um sério problema de degradação ambiental.

Verifica-se pela figura 2, as principais atividades e usos dentro da área da bacia hidrográfica do córrego Campo Alegre. Sendo possível identificar que a bacia hidrográfica deste córrego é altamente explorada por atividades agrícolas, com poucos

VI JORNADA ACADÊMICA 2012
22 a 27 de outubro
Unidade Universitária de Santa Helena de Goiás

fragmentos de mata, e corredores ecológicos, além do déficit e é claro de inexistência de áreas de APP em vários pontos.

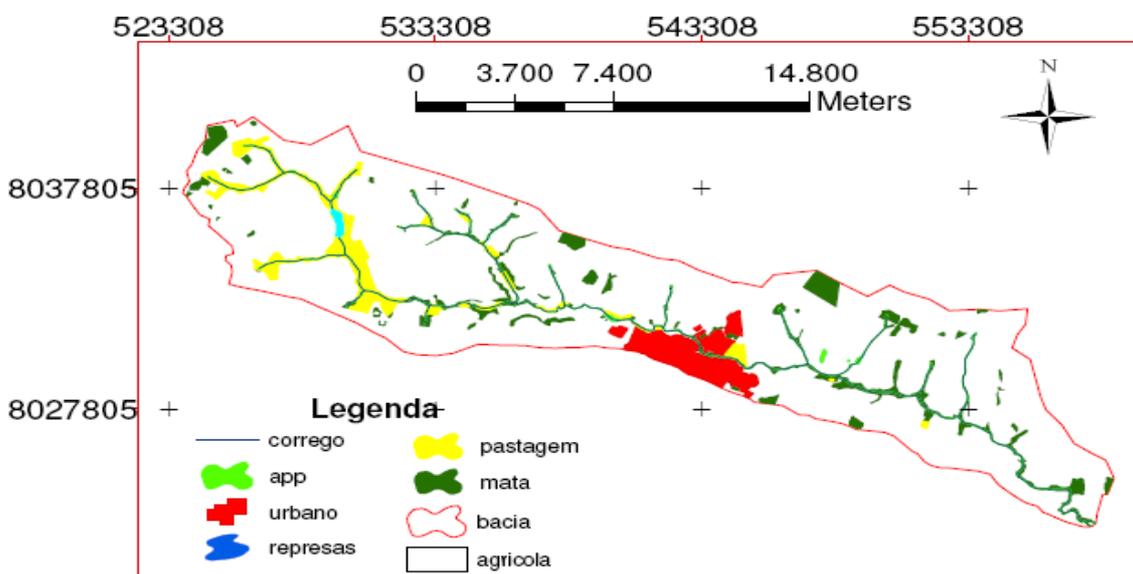


Figura 2: usos e cobertura da bacia do córrego Campo alegre, no ano de 2012.

Os percentuais de usos bem como a área de cada uma das atividades são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: Quantitativos da área (ha) e percentual de cobertura dos usos na bacia do Campo Alegre - 2012.

Usos	ha	%
Lagoas	42,43	0,20
Pastagem	937,07	4,32
Mata	1746,81	8,06
Urbana	739,94	3,41
Outras	38,01	0,18
Agrícola	18173,69	83,83
Bacia	21678	100,00

VI JORNADA ACADÊMICA 2012
22 a 27 de outubro
Unidade Universitária de Santa Helena de Goiás

O uso agrícola tem expandido tanto que suprimiu principalmente as áreas de matas como verificado pela Tabela 1, esse fato também foi verificado no trabalho realizado por Conceição & Santos (2010).

A agricultura tem intensificado a degradação das APP, pois tem sido praticada até à margem do córrego. Além das atividades pecuaristas explorarem boa parte da APP com áreas de pasto, ou mesmo para passagem do gado que inibe ou dificulta o crescimento da vegetação de baixo porte.

De acordo com a Legislação ambiental vigente (Lei Nº 7.803/89) a ocupação de APP deveria no mínimo respeitar um limite de 30 metros de distância da margem de córregos com até 10 metros de largura. A inaplicabilidade desta tem afetado a qualidade da biodiversidade tanto da fauna quanto da flora.

CONCLUSÕES

Foi possível identificar os usos e ocupação na Bacia do Corrego Campo Alegre.

Identificou que muitas áreas da Bacia Campo Alegre, encontram-se com usos inadequados segundo a legislação ambiental;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELTRAME, A. da V. **Diagnóstico do meio físico de bacias hidrográficas: modelo e aplicação**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1994. 112 p.
- COELHO, M.C.N. Impactos Ambientais em Áreas Urbanas – Teorias, Conceitos e Métodos de Pesquisa. In: GUERRA, A.J.T. e CUNHA, S.B.C. (orgs.). **Impactos Ambientais Urbanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2001.
- FERRAZ, S.F.B., VETTORAZZI, C.A. Identificação de áreas para recomposição florestal com base em princípios de Ecologia de Paisagem. **Revista Árvore**, Viçosa, v. 27, p.575-583. 2003.
- INPE. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. www.inpe.br acessado em 16 de outubro de 2010.
- SANTOS, A. L.C. SANTOS, F. Mapeamento das lasses de uso e cobertura do solo da Bacia hidrográfica do rio vazabarris, Sergipe. **Revista multidisciplinar da UNIESP**. N. 10, 2010.